

Imaginário Erótico de Homens Heterossexuais: Revisão Integrativa e Análise Crítica a Partir dos Estudos das Masculinidades

Henrique Campagnollo Dávila Fernandes¹, e Valeska Zanello²

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal

Resumo: O imaginário erótico é uma dimensão importante da sexualidade, mas ainda pouco estudada, sobretudo entre homens heterossexuais. O presente artigo buscou realizar uma revisão integrativa sobre esse tema na base de dados MEDLINE, ProQuest, PubMed e SciELO, bem como uma análise crítica dos resultados tendo como referencial epistemológico os estudos das masculinidades. A busca inicial resultou em 4.221 títulos de artigos, porém, com a leitura dos resumos e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, apenas oito artigos restaram como corpus de análise. Os artigos foram divididos em três categorias temáticas: cultura, excitação sexual e crime sexual. Constatou-se que as pesquisas tiveram como tema central o funcionamento do pênis. Apenas um artigo explorou de forma qualitativa os sentimentos e emoções dos sujeitos de pesquisa. Os temas mais comuns das fantasias sexuais estão relacionados com a afirmação da dominação masculina sobre as mulheres. A cultura tem papel fundamental na estruturação do imaginário erótico masculino heterossexual, ao incutir nos homens a necessidade da virilidade e da eficácia.

Palavras-chave: fantasia, erotismo, masculinidade

Erotic Imaginary of Heterosexual Men: Integrative Review and Critical Analysis Based on Masculinity Studies

Abstract: The erotic imagery is an important dimension of sexuality, but still little studied, especially among heterosexual men. This article sought to carry out an integrative review on this topic in the MEDLINE, ProQuest, PubMed and Scielo databases, as well as a critical analysis of the results having as epistemological reference the studies of masculinities. The initial search resulted in 4,221 article titles, however, after reading the abstracts and applying the inclusion and exclusion criteria, only eight articles remained as the analysis corpus. The articles were divided into three thematic categories: culture, sexual arousal and sexual crime. It was found that the research had as its central theme the functioning of the penis. Only one article qualitatively explored the feelings and emotions of research subjects. The most common themes of sexual fantasies are related to the assertion of male domination over women. Culture plays a fundamental role in structuring the heterosexual male erotic imaginary, by instilling in men the need for virility and efficacy.

Keywords: fantasy, erotism, masculinity

¹ Psicólogo, especialista em fenomenologia existencialista. Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Atua como psicólogo clínico e hospitalar no Hospital das Forças Armadas (Unidade de Terapia Intensiva e Núcleo de Cuidados Paliativos e Terapias de Suporte). *E-mail:* hcdfernandes@gmail.com

² Psicóloga e filósofa, doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Coordena o grupo "Saúde Mental e Gênero", no CNPq. Membro do NEPEM — Núcleo de Estudos e Pesquisas da Mulher/UnB e do GT "Psicologia e Estudos de Gênero" da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia — ANPEPP. *E-mails:* valeskazanello@unb.br; valeskazanello@uol.com.br

Introdução

O imaginário erótico reúne duas dimensões da existência humana: a cognição (imaginação) e o erotismo. A palavra “imaginário” vem do latim *imaginārius* (Cunha, 2012), e se refere a um conjunto de lembranças, fantasias, sonhos, obras, valores e crenças — de um indivíduo, povo ou cultura (Wunenburger, 2007). Ela também se refere ao que existe apenas na imaginação, que provém de ou pertence a imagens (Lewis & Short, 1891). A imaginação é um processo cognitivo central para qualquer pensamento e ação, e dela decorre tudo o que existe em termos culturais (Vygotsky, 2003).

A palavra “erótico”, por sua vez, vem do mito grego do deus Eros, da palavra ἐρωτικός (“erotikós”), e se refere ao amor lascivo, sensual (Cunha, 2012). Segundo Bataille (2017), erotismo “é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão” (p. 53). Ou seja, o erotismo representa mais que o ato sexual, por envolver questões relacionadas com a “vida interior” (p. 53). Ainda conforme esse autor, o erotismo tem a característica de se articular a duas dinâmicas opostas: a tentativa do ser humano de continuidade e o seu caráter de mortalidade (impossibilidade de superação da morte).

Com a junção dos dois conceitos, imaginário erótico pode ser entendido como “a faculdade que humanos têm de produzir representações mentais de seus desejos eróticos, através de fantasias” (Crépault & Couture, 1980, p. 565, tradução livre). Enquanto imagens sexuais ou pensamentos que afetam o estado fisiológico e/ou as emoções de uma pessoa (Perla et al., 2009), as fantasias eróticas ou sexuais são com certeza a forma mais comum no campo da experiência sexual humana, e provavelmente fornecem mais *insights* (algoritmos ou regras de processamento de informações) que as atividades sexuais nos mecanismos psicológicos que sustentam pensamentos, sentimentos e ações voltadas para o sexo (Ellis & Simons, 1990).

As fantasias sexuais podem ser utilizadas para estimular a excitação sexual (ou vice-versa), e não necessariamente são colocadas em prática (Leitenberg & Henning, 1995). Elas fornecem também uma compreensão única de diferentes roteiros que sustentam comportamentos sexuais (Gagnon & Simon, 1973), e, por serem consideradas parte do

funcionamento sexual normal de um indivíduo, sua ausência pode indicar insatisfação e até disfunção sexual (Burris & Mathes, 2011). Essas fantasias podem ser provocadas tanto por algo que uma pessoa vê ou lê, como por um processo interno, ou uma combinação de ambos (Jones & Barlow, 1990).

Nesse sentido, elas podem ser utilizadas em materiais que se constituem como tecnologias de gênero (Lauretis, 1994), como a literatura erótica ou filmes pornográficos (Ellis & Simons, 1990). A pornografia, tecnologia feita para os homens, ensina o sexo como gratificação física e luxúria, destituído de elaboração de emoções, relacionamentos onerosos, complicadas tramas, preliminares prolongadas, flerte e namoro (Ellis & Simons, 1990). Ela favorece a associação entre estupro, objetificação e dominação — dinâmica que erogeniza a violência contra as mulheres (Bourdieu, 2019; Zanello, 2020) —, e influencia sobremaneira o imaginário masculino.

Por terem um papel significativo na tomada de decisões e no agir humano, com implicações sociais nocivas — como a perpetração de ofensas e/ou crimes sexuais como estupro, abuso sexual infantil, e exibicionismo, dentre outros comportamentos aberrantes (Abel & Blanchard, 1974; Deu & Edelman, 1997; Howitt, 2004; Ronis et al., 2019) —, e por serem o veículo da imaginação — principal fator determinante da sexualidade masculina, ao lado do desejo (Hartmann, 1994) —, as fantasias sexuais são importantes elementos de investigação e análise.

O campo de estudos das masculinidades foi a matriz epistemológica a partir da qual a presente pesquisa foi estruturada, em particular sua vertente que considera as noções de “homens” e “masculinidades”: como construções sociais, as quais mudam conforme o espaço (cultura) e o tempo (história), as sociedades, os cursos de vida e biografias — e não dentro de uma perspectiva biológica/natural; considerando o poder como elemento constituinte das relações dos homens; a partir de uma perspectiva interseccional — ou seja, que são atravessadas por fatores como diferenças de classe social, idade, e raça/cor, dentre outras (Kimmel et al., 2005).

Pela frequência com a qual o texto irá apresentar os significantes “virilidade” e “masculino”, e pela importância que ocupam nos estudos das

masculinidades, é fundamental tecermos considerações sobre eles. “Virilidade” é um termo latino que se origina da “*virilitas*” romana, e que era designado por um ideal de virtude e força, maturidade e segurança, dominação e certeza, além de qualidades sexuais e pessoais do homem — enquanto ativo e procriador, contido e vigoroso, comedido e corajoso (Corbin et al., 2013). A virilidade é um atributo que qualifica um homem como verdadeiro homem, é o seu *ethos* (Bourdieu, 2019).

Já o termo “masculino” passou a ser utilizado somente a partir do século XX, em preferência à “virilidade”, com o intuito de se pensar a condição do homem (do tornar-se homem) (Forth, 2013; Zanello, 2018). Segundo Forth (2013), os estudos feministas abriram espaço para a inauguração do campo de estudos das masculinidades, a partir da década de 1970, e o conceito que permitiu avanços nas análises críticas desse campo de pesquisa foi o de “masculinidade hegemônica³”, por oferecer “uma percepção mais matizada da gama de maneiras concorrentes e hierarquicamente ordenadas de ser um homem” (Forth, 2013, p. 159).

Articulado a essas considerações, este artigo teve como objetivos: a) realizar uma revisão integrativa sobre o imaginário erótico de homens heterossexuais; b) fazer uma análise crítica dos resultados obtidos a partir dos estudos das masculinidades — exercício necessário considerando que os saberes acerca do imaginário são eles mesmos atravessados por fantasias elaboradas em torno do ser homem. Para isso, foram seguidos os procedimentos descritos abaixo.

Procedimentos Metodológicos

Para o desenvolvimento deste estudo, foi feita uma revisão integrativa de literatura nas seguintes bases de dados: MEDLINE, ProQuest, PubMed e SciELO, sem limite de tempo, e nos meses de abril a julho de 2022. Para a primeira etapa da busca, utilizou-se dois grupos de descritores. O primeiro grupo foi formado com “homem” e “homens” (“*man*”, “*men*”), e o

³ Cunhado por Connell (2005), esse conceito foi definido como a “configuração das práticas de gênero que encarna a resposta comumente aceita para a questão da legitimidade do patriarcado, e que garante (ou é tida como garantia) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (p. 77).

segundo com o termo “imaginário erótico”. Em razão de “imaginário”, “imagens”, e “imaginação” radicarem da mesma palavra — latim *imago* (Lewis & Short, 1891) —, a busca contemplou três descritores para “imaginário”: “*imaginary*”, “*imagination*” e “*imagery*”. Apesar de “*imaginary*” ser o único sobre o qual não há registro na plataforma de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), foi escolhido por ser citado com uma frequência importante na literatura que versa sobre a temática. Nesse mesmo sentido, “fantasia” foi outro termo associado a imaginário, com o descritor “*fantasy*”.

Para a palavra “erótico”, escolheu-se “*erotic*”. Portanto, para o segundo grupo de descritores, utilizou-se: “*erotic imaginary*”, “*erotic imagination*”, “*erotic imagery*”, “*erotic fantasy*”, e “*sexual fantasy*”. O operador booleano OR foi empregado entre os descritores do mesmo grupo, enquanto que o operador AND para os descritores de grupos diferentes. A busca nas plataformas foi realizada com os descritores em inglês, com exceção da SciELO (cuja língua padrão de indexação também é o português). Dessa forma, tivemos as seguintes “equações”: a) (“*men*” OR “*man*”) AND (“*erotic imaginary*” OR “*erotic imagination*” OR “*erotic imagery*”); b) (“*men*” OR “*man*”) AND (“*erotic fantasy*” OR “*sexual fantasy*”).

Adotou-se como critérios de inclusão os textos: a) em português, inglês e espanhol; b) artigos completos e revisados por pares, nacionais e internacionais; c) que versavam somente sobre homens heterossexuais; d) faixa etária maior que 18 anos de idade. Já os critérios de exclusão foram: a) artigos de revisão; b) artigos eminentemente teóricos; c) dissertações e teses; d) artigos sobre obras de ficção; e) artigos que contemplavam público menor de 18 anos; f) artigos que incluíam mulheres, população não binária, assexuados, e homens não heterossexuais⁵; g) pesquisas sobre construção e validação de instrumentos.

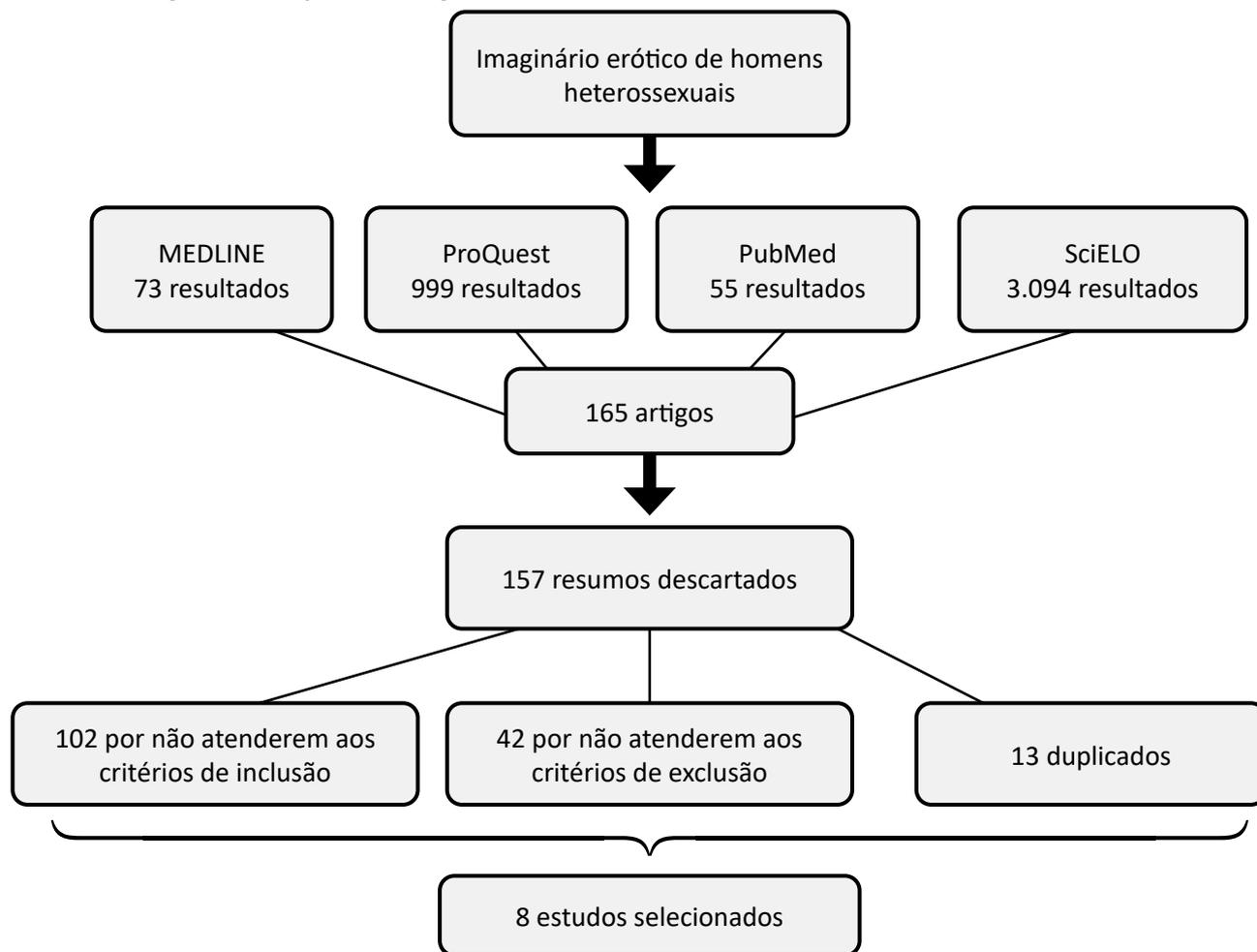
⁴ Palavra utilizada considerando que também faz parte do mesmo campo de pesquisa, e pela frequência com a qual aparece na literatura.

⁵ Significante utilizado para designar homens que se relacionam com mulheres. Para isso, foram considerados dados relativos ao perfil sociodemográfico dos sujeitos de pesquisa e procedimentos metodológicos dos artigos.

A busca resultou em 4.221 artigos, sendo: a) 73 da MEDLINE; b) 999 da ProQuest; c) 55 da PubMed; d) 3.094 da SciELO. Após a primeira etapa, que consistiu na leitura dos títulos e dos resumos, foram encontrados 165 artigos potencialmente relevantes. Foram excluídos os artigos duplicados (n = 13). A segunda etapa consistiu na aplicação dos critérios de inclusão, e resultou na seleção de 50 referências, as quais foram lidas na sua integralidade. Na última etapa, que constou na aplicação dos critérios de exclusão, chegou-se ao número de 8 artigos (conforme a Figura 1), os quais constituem o corpus de análise do presente estudo.

Figura 1

Fluxograma (seleção dos artigos)



Resultados

Os dados da amostra documental foram tabulados em categorizações distintas e divididos em quatro partes. A primeira (Tabela 1) se refere ao gênero dos autores, ano de publicação, país de origem e área de pesquisa. Dos oito artigos analisados, 13 autores são homens e duas são mulheres. Cinco foram publicados na década de 1980, dois na década de 1990, e um nos anos 2000. A Austrália possui quatro artigos, os Estados Unidos da América contam com três estudos, e apenas um foi realizado no Canadá. A Psicologia foi a área com maior quantitativo (cinco), e Psiquiatria, Sexologia e Sociologia tiveram uma publicação.

Tabela 1

Artigos conforme gênero dos autores, ano de publicação, país de origem, e área de pesquisa

Publicação	Autores	Gênero dos autores	Ano	País de origem	Área de pesquisa
Men's erotic fantasies	Crépault & Couture	Masculino	1980	Canadá	Sexologia
Sexual fantasy and activity patterns of males with inhibited sexual desire and males with erectile dysfunction versus normal controls	Nutter & Condron	Masculino (1) Feminino (1)	1985	EUA	Psiquiatria
Male sexual arousal as a function of the content and the vividness of erotic fantasy	Smith & Over	Masculino	1987(a)	Austrália	Psicologia
Correlates of fantasy-induced and film-induced male sexual arousal	Smith & Over	Masculino	1987(b)	Austrália	Psicologia
Does fantasy-induced sexual arousal habituate?	Smith & Over	Masculino	1987(c)	Austrália	Psicologia
Enhancement of fantasy-induced sexual arousal in men through training in sexual imagery	Smith & Over	Masculino	1990	Austrália	Psicologia
The relationship of male self-report of rape supportive attitudes, sexual fantasy, social desirability and physiological arousal to sexually coercive stimuli	Plaud & Bigwood	Masculino	1997	EUA	Psicologia
Exploring the motivations and fantasies of strip club customers in relation to legal regulations	Frank	Feminino	2005	EUA	Sociologia

Na segunda tabela, procurou-se apresentar os objetivos das pesquisas e os sujeitos estudados quanto à idade. Apenas um estudo se articulou em torno da expressão “imaginário erótico” (Frank, 2005), enquanto que a maior parte dos estudos se orientou pelo conceito de “fantasias sexuais”. Todas elas especificaram a idade dos sujeitos de pesquisa. Cinco pesquisas tiveram como amostra estudantes universitários, uma pesquisou pacientes diagnosticados com alguma patologia relacionada ao campo da sexualidade (Nutter & Condron, 1985), e uma se dedicou a entrevistar homens frequentadores de um clube de *strip-tease* (Frank, 2005). Apenas uma reuniu público não específico (Crépault & Couture, 1980).

Tabela 2

Classificação segundo objetivos e amostra

Autores	Objetivos	Amostra/idade
Crépault & Couture (1980)	Levantar e analisar o conteúdo de fantasias masculinas.	94 homens (Me = 32 anos)
Nutter & Condron (1985)	Verificar se pacientes com desejo sexual inibido e com disfunção erétil, em comparação ao grupo controle: a) fantasiam menos nas preliminares, masturbação e no sonhar acordado; b) têm uma frequência menor de intercurso sexual e masturbação; c) têm semelhança no conteúdo das fantasias.	70 homens (Me = 41,1 anos — disfunção erétil; 43,6 anos — desejo sexual inibido; 37,4 anos — grupo controle)
Smith & Over (1987a)	Identificar alguns parâmetros relativos ao controle voluntário da ereção peniana.	8 homens (faixa etária 23-34 anos)
Smith & Over (1987b)	Relacionar a excitação sexual subjetiva e fisiológica a variáveis de imagens e não imagens, testando uma amostra de homens heterossexuais universitários.	66 homens (Me = 21 anos)
Smith & Over (1987c)	Verificar se a excitação sexual induzida por fantasia é sujeita à habituação.	66 homens (faixa etária 19-25; 19-26 anos)
Smith & Over (1990)	Estabelecer se o treino desenvolvido para melhorar a nitidez de representações aumenta a excitação sexual em homens que se engajam em fantasias eróticas estruturadas.	8 homens (faixa etária 19-26 anos)
Plaud & Bigwood (1997)	Investigar excitação sexual masculina relacionada a cenários do mito do estupro em estudantes universitários por meio de pletismografia peniana.	12 homens (Me = 21,6 anos)
Frank (2005)	Explorar o comportamento de homens frequentadores de clubes de <i>strip-tease</i> , e questionar suposições acerca das interações que eles procuram nas dançarinas.	30 homens (faixa etária 28-57 anos)

Quanto aos procedimentos metodológicos (Tabela 3), seis pesquisas utilizaram metodologia quantitativa, uma a metodologia mista e uma a qualitativa. Instrumentos como escalas, inventários, testes foram utilizados para a coleta de dados em sete artigos, e apenas dois deles realizaram entrevistas. Cinco estudos utilizaram um pletismógrafo peniano.

Tabela 3

Procedimentos metodológicos

Autores	Metodologia	Coleta dos dados	Análise dos dados
Crépault & Couture (1980)	Mista	Entrevista semiestruturada e questionário	Estatística descritiva, análise fatorial (Varimax — normalização de Kaiser)
Nutter & Condron (1985)	Quantitativa	1 questionário	Estatística descritiva
Smith & Over (1987a)	Quantitativa	- 2 inventários, 1 escala, 1 teste, 1 questionário - Medidor peniano de tensão	Estatística descritiva, teste de SNK, análise multivariada da variância (MANOVA)
Smith & Over (1987b)	Quantitativa	- 1 escala, 3 inventários, 2 questionários, 1 teste - Medidor peniano de tensão	Estatística descritiva, correlação, regressão múltipla, análise de variância (ANOVA)
Smith & Over (1987c)	Quantitativa	- 1 escala - Medidor peniano de tensão	Estatística descritiva, MANOVA
Smith & Over (1990)	Quantitativa	- 1 escala - Medidor peniano de tensão	Estatística descritiva, ANOVA e MANOVA, teste de SNK
Plaud & Bigwood (1997)	Quantitativa	- 1 questionário, 2 escalas - Pletismógrafo peniano	Estatística descritiva, ANOVA, teste de Scheffé
Frank (2005)	Qualitativa (etnografia)	Observação participante, entrevista aberta	Análise de conteúdo

Além da tabulação desses dados mais gerais, procurou-se realizar uma análise temática (Bardin, 2016) dos artigos, para tornar mais didática a apresentação e discussão dos resultados. Chegou-

se a três categorias: a) imaginário erótico e cultura; b) imaginário erótico e excitação sexual; c) imaginário erótico e crime sexual, conforme a tabela abaixo.

Tabela 4

Classificação das publicações por temas

Temas	Autores
a) Imaginário erótico e cultura	Crépault & Couture (1980) Frank (2005)
b) Imaginário erótico e excitação sexual	Nutter & Condron (1985) Smith & Over (1987a) Smith & Over (1987b) Smith & Over (1987c) Smith & Over (1990)
c) Imaginário erótico e crime sexual	Plaud & Bigwood (1997)

Imaginário Erótico e Cultura

Esta categoria reuniu dois artigos que discorreram sobre temas que fazem parte de um “roteiro heterossexual”, que foi definido por Gagnon (2006) como um conjunto de subsídios simbólicos não verbais e verbais relacionados ao campo da sexualidade, que organizam comportamentos destinados a atingir objetivos de forma exitosa, dentro de uma sequência e de um tempo. Segundo o autor, esses roteiros são construídos a partir de experiências inscritas e apreendidas na consciência, e se mostram de três formas: intrapsíquica (relativa à subjetividade da pessoa); interpessoal (interações sociais); e cultural (prescrições culturais). Nesse sentido, os artigos que compõem a presente categoria apresentaram dados que articulam fantasias (produção do imaginário) e ações sexuais — ambas estruturadas pela cultura (prescrições culturais).

No questionário aplicado por Crépault e Couture (1980), que continha 46 fantasias eróticas, 17 foram utilizadas por 50% ou mais pelos sujeitos de pesquisa, sendo que as dez mais populares foram: transar com outra mulher que não a atual (84%); reviver uma relação sexual passada (79%); imaginar uma parte do corpo feminino (77,8%); transar com uma mulher pervertida (77,7%); cena de filme erótico (77,7%); beijar as genitálias de uma mulher (76,6%); ser beijado no pênis por uma mulher (74,5%); estar com muitas mulheres ao mesmo tempo (74,5%);

ejacular na boca de uma mulher (71,3%); e ser seduzido por uma mulher (69,2%). A fantasia que mais pontuou entre todos os homens da amostra foi a de cunilíngua.

Além desse procedimento, os autores levantaram 12 variáveis nas entrevistas, e deram escores às respostas que diziam respeito à frequência e diversidade das fantasias. Os homens que tiveram escores maiores: fantasiavam mais fora e durante a atividade sexual; tinham maior capacidade do controle voluntário de tempo de ejaculação; eram mais ativos no sexo; acreditavam que a parceira tinha fantasias similares; tinham como posição sexual preferida penetrar a mulher na posição de quatro apoios por trás (desse modo há uma despersonalização do encontro, além de reduzir o pudor e recato da relação interpessoal); tinham mais desejo erótico com a mulher seminua; preferiam transar na parte da noite; haviam tido práticas homossexuais previamente; tomavam a iniciativa nos encontros; e já haviam feito tratamento psicoterápico.

Na pesquisa de Frank (2005), os diálogos com os participantes se deram em torno de temas mercantilização, entretenimento, sexualidade e masculinidade. A análise de conteúdo resultou em duas grandes categorias: a) motivação do cliente; b) casamento e monogamia, sendo a subcategoria “jogo de fantasia” a que interessou à presente pesquisa. Em função de os relacionamentos entre os frequentadores e as dançarinas serem permeadas por uma rede gendrificada e heterossexualizada de relações de poder, havia troca de identidades próprias e uma grande mistura entre realidade e fantasia. Apesar de o contato sexual com as dançarinas ser negado aos frequentadores, a fantasia em torno dessa possibilidade era cultivada e se tornava um elemento de atração (e de investimento financeiro nos clubes), assim como a ideia de estarem sendo desejados por uma mulher (“real”) como elas.

A presença física da dançarina, consumida por meio da demanda dos frequentadores, fazia com que eles fossem vistos como homens heterossexuais que desejavam mulheres. Assim, Frank (2005) pontuou que essa imagem era tida como especular, e que as dançarinas e outros clientes eram as testemunhas da transação. Enquanto a dançarina estava

manufaturando ou apresentando uma identidade particular, se envolvia simultaneamente na produção de subjetividades masculinas, dentre elas a de que ele podia pagar uma mulher para servi-lo. A imagem privada do homem, sua autorrepresentação, portanto, também estava envolvida nesse processo.

Muitos entendiam esses locais como espaços de fuga do mundo real — de compromissos com mulheres que demandavam tempo e envolvimento emocional. E outros buscavam uma intimidade que o mundo exterior não lhes possibilitava mais — como os divorciados ou os que tinham poucas habilidades sociais. A realidade, nesses casos, era altamente valorada, e ultrapassava as expectativas em relação ao “verdadeiro” real. Havia, portanto, na base da prestação de serviços sexuais, uma fetichização, e o realismo da fantasia a tornava bastante desejável. Ou seja, o contexto dos relacionamentos imaginários envolvidos nas transações acabava favorecendo uma múltipla mercantilização de identidades e corpos, segundo a autora.

Imaginário Erótico e Excitação Sexual

Esta categoria reuniu cinco artigos que se utilizaram de marcadores subjetivos e fisiológicos da excitação sexual, na articulação com o imaginário. Aos sujeitos de pesquisa foram aplicados questionários e aparelhos medidores de tensão peniana destinados a mensurar o nível de excitação decorrente da produção imaginativa. Esse processo contou com a estimulação e mediação dos próprios instrumentos utilizados pelos pesquisadores para tal fim.

Os sujeitos de pesquisa dos três grupos pesquisados por Nutter e Condron (1985) preencheram um questionário sociodemográfico e um outro que continha 28 fantasias populares. Na comparação entre os três grupos, o grupo controle: a) teve escores significativamente maiores em relação aos outros dois apenas na frequência de intercurso; b) no total de fantasias durante o coito e as preliminares, teve praticamente a mesma pontuação que o grupo de disfunção erétil, mas escores significativamente mais altos em relação ao grupo de desejo sexual inibido; c) teve escores maiores que o grupo de desejo sexual inibido quanto às fantasias

durante a masturbação, e significativamente maiores em relação a esse mesmo grupo em fantasias na condição do sonhar acordado.

O grupo de disfunção erétil teve escores significativamente maiores: a) no total de fantasias durante o intercurso e as preliminares, em fantasias durante a condição do sonhar acordado, e na frequência de intercurso, em relação ao grupo de desejo sexual inibido; b) no tocante a fantasias durante a masturbação, em relação aos outros dois grupos. Já o grupo de desejo sexual inibido só teve escores significativamente maiores em relação aos outros dois grupos na frequência da masturbação.

Nutter e Condrón (1985) afirmaram ainda que o fato de o grupo de disfunção erétil fantasiar mais que o grupo controle teve a ver com a possibilidade de eles utilizarem a fantasia como estratégia para a melhora da ereção. Quanto ao fato de os homens do grupo de desejo sexual inibido se masturbarem mais que os outros dois grupos, os autores pontuaram que alguns deles se masturbavam para aliviar tensão e ansiedade, e outros deviam substituir o sexo com suas parceiras pela masturbação. A experiência clínica dos autores sugeriu que em alguns homens a falta de desejo se relacionava com uma parceira específica, embora o paciente não se queixasse disso.

Por fim, os autores ressaltaram que os homens que faziam parte do grupo de desejo sexual inibido eram os menos religiosos, e que isso tinha influência na frequência da masturbação. A maioria desses pacientes também tinha dificuldades em falar sobre suas fantasias com as parceiras, além dos problemas quanto à capacidade ou habilidade para fantasiar. Nesse sentido, Nutter e Condrón (1985) afirmaram que a terapia com objetivo de ampliar a capacidade de comunicação e consciência interpessoal poderia ser essencial para que pacientes com desejo sexual inibido superassem essa questão.

Smith e Over (1987a) pensaram a pesquisa a partir de uma afirmação de Masters e Johnson (1970), de que voluntariamente os homens não poderiam conseguir uma ereção. Fizeram dois experimentos: no primeiro, os homens deveriam atingir a ereção através de fantasia, e mediu-se até que ponto as diferenças individuais no controle voluntário da ereção permaneceriam estáveis ao longo do tempo;

no segundo, a excitação foi examinada como uma função não só da fantasia, como também da nitidez com a qual as imagens na fantasia eram formadas.

Além do pletismógrafo peniano, foram utilizados: a) o Inventário de Comportamento Sexual (Bentler, 1968), que cobre 21 atividades heterossexuais, e quantifica a diversidade de experiências; b) a forma revisada do Questionário Betts de Imagens Mentais (Richardson, 1969), que atesta a habilidade em formar imagens vívidas e claras nas sete modalidades sensoriais; c) quatro subescalas do Inventário de Processos Imaginais (Singer & Antrobus, 1972), que avalia a potencial relevância para a excitação sexual; d) o Teste de Controle de Imagem Visual de Gordon (Richardson, 1969), que mede o quanto se pode evocar e mudar imagens de forma intencional. Empregou-se ainda 10 temas de fantasia de uma escala de valoração de erotismo, e os sujeitos foram instruídos a fantasiar com uma mulher utilizando esses temas.

No experimento 1, os homens que alcançaram os maiores níveis de excitação sexual foram os que reportaram maiores usos das fantasias que eles escolheram como sendo as mais eróticas. No experimento 2, foi constatado que tanto a excitação subjetiva quanto a fisiológica dependiam não apenas do conteúdo da fantasia, como da capacidade de o participante formar imagens vívidas. Nesse sentido, homens incapazes de atingir a ereção de forma voluntária seriam aqueles que não conseguem formar imagens nítidas no seu processo imaginativo, e também os que investem em fantasias que possuem um baixo valor erótico (Smith & Over, 1987a).

Smith e Over (1987b) pesquisaram a excitação a partir de um conjunto de variáveis de imagens (filme erótico) e não imagens (fantasia). Os 66 homens preencheram cinco instrumentos antes da primeira sessão, a serem: a) o Inventário de Comportamento Sexual (Bentler, 1968); b) questionário sobre informações sociodemográficas e histórico médico; foi coletada ainda nesse instrumento a frequência de fantasia sexual, masturbação e intercurso; c) a forma revisada do Questionário Betts de Imagens Mentais (Richardson, 1969); d) o Teste de Controle de Imagem Visual de Gordon (Richardson, 1969); e) quatro subescalas do Inventário de Processos Imaginais (Singer &

Antrobus, 1972). No início da sessão experimental, eles preencheram o Inventário de Estado-Traço de Ansiedade (Spielberger et al., 1970), e após a sessão de teste completaram um Questionário de Fantasia Sexual — formulado a partir de temas levantados por Crépault e Couture (1980) e por Friday (1980).

O filme provou ser mais sexualmente excitante que a fantasia — com uma ereção de 5mm ou mais em comparação à indução por fantasia, e aumento de 5mm ou mais na circunferência peniana (em 71% da amostra). Porém, ele era estruturado, enquanto que a fantasia não. Os índices de excitação corresponderam a variáveis como idade, frequência e fantasias na masturbação. A frequência de pensamentos em sexo correlacionou significativamente com excitação subjetiva, mas não com excitação fisiológica. A relação mais forte encontrada pelos autores foi entre a habilidade de formar imagens nítidas e a capacidade de atingir ereção na ausência de estimulação erótica direta. Níveis maiores de excitação dependeram de temas com maiores avaliações de valor erótico, da nitidez e do conteúdo da fantasia.

Smith e Over (1987c) se propuseram a verificar se a excitação sexual induzida por fantasia promove habituação — conceito que diz respeito a uma perda na amplitude de resposta, mediante repetição de estimulação. Foi utilizado o Questionário Betts de Imagens Mentais (Richardson, 1969), e a pesquisa foi realizada por meio de dois experimentos. O primeiro consistiu em testar 16 homens que tinham representações nítidas e não nítidas no imaginário, enquanto que, no experimento dois, tanto habituação quanto desabituação foram estudadas em 66 homens que já haviam participado de outro estudo dos autores no mesmo laboratório (Smith & Over, 1987a).

Os autores não tiveram nenhuma evidência de que excitação sexual (tanto subjetiva quanto fisiológica) induzida por fantasia é sujeita à habituação. Porém, não houve uma conclusão definitiva, considerando que os níveis de resposta não caíram de forma significativa depois de ensaios de fantasia repetidos — isso pode ter sido causado por não terem sido empregadas condições necessárias para promover habituação, ou pelos sujeitos terem

incrementado fantasias depois de repetidos ensaios, contrariando as instruções dos pesquisadores. Os autores pontuaram que o estudo sinaliza para a necessidade de monitorar fantasia concorrente quando efeitos da estimulação erótica externa estão sendo avaliados — já que homens podem não só fantasiar para terem ereção na ausência de uma estimulação erótica, como também para inibirem excitação induzida por uma estimulação externa.

Smith e Over (1990) avaliaram oito sujeitos de pesquisa — que já haviam participado de estudos anteriores (Smith & Over, 1987a, 1987b, 1987c) — para o treinamento de imagens, o qual reunia as seguintes condições: não ter formulado imagens nítidas no processo imaginativo, com um escore de 120 ou mais no Questionário Betts de Imagens Mentais (Richardson, 1969); não terem tido um aumento peniano de 3mm ou mais quando empregaram fantasias eróticas; aumento peniano de 5mm ou mais com um filme erótico heterossexual. O treino geral de imagens foi escrito com o intuito de enfatizar detalhe da resposta fisiológica e comportamental. A prática de imagens na primeira sessão envolveu modalidades visuais, auditivas, olfatórias, e gustatórias, enquanto na segunda sessão o foco foi nas imagens orgânicas, cinestésicas e táteis. Foram passados exercícios para serem realizados em casa, e uma cena composta de imagens de todas as modalidades sensoriais foi praticada na segunda sessão.

Os resultados indicaram que o treinamento de imagens sexuais, mas não o treinamento de imagens gerais, produz ganhos no tocante à indução de ereção, e modificou a clareza com a qual os sujeitos formavam imagens sexuais quando engajados na fantasia. A prática que esses sujeitos receberam não só melhorou a nitidez das imagens em geral, mas os levou a formarem imagens sexuais com uma clareza tal que fez com que eles se tornassem mais excitados durante fantasias estruturadas e não estruturadas. Além da nitidez, o conteúdo das fantasias também foi modificado, já que durante o treinamento os sujeitos utilizaram temas mais sexualmente excitantes em comparação aos homens que receberam treinamento de imagens gerais (Smith & Over, 1990).

Imaginário Erótico e Crime Sexual

Esta categoria contemplou um artigo que pesquisou a articulação entre fantasias sexuais e o crime de estupro. Diferentemente das outras categorias, o foco desta foi de trazer à tona a problemática da violência sexual contra as mulheres, por meio não só da análise das fantasias que habitam o imaginário de homens heterossexuais, bem como de suas crenças e desejos.

Plaud e Bigwood (1997) aplicaram à amostra o Questionário Wilson de Fantasia Sexual (Wilson, 1988), composto de 40 temas agrupados em quatro fatores: 1) fantasias exploratórias; 2) fantasias íntimas; 3) fantasias impessoais; 4) fantasias sadomasoquistas. A amostra também preencheu outros dois instrumentos: a Escala Marlow-Crowne de Desejabilidade Social (Crowne & Marlow, 1960) — que mede quanto o sujeito concorda ou não com afirmações socialmente desejáveis em situações descritas —, e a Escala de Suporte à Atitude de Estupro (Lottes, 1988) — questionário elaborado para medir crenças de estupro que são hostis às vítimas desse tipo de crime.

Os sujeitos de pesquisa revelaram que possuem: a) fantasias mais exploratórias, íntimas, impessoais e totais que uma amostra feminina não clínica, e mais íntimas, impessoais, e totais que uma amostra masculina não clínica; b) menos fantasias exploratórias quando comparada a travestis, sadomasoquistas, e homens polisssexuais; c) mais fantasias íntimas que homens travestis; d) menos fantasias impessoais que fetichistas, travestis, sadomasoquistas, e homens polisssexuais; e) menos fantasias sadomasoquistas que travestis, sadomasoquistas e homens polisssexuais; f) menos fantasias sexuais totais que sadomasoquistas e homens polisssexuais.

Ou seja, em comparação com outras populações de homens, o comportamento de universitários é amplamente não desviante e mais ligado a fantasias íntimas. Para investigar a questão do mito do estupro, os autores utilizaram 10 *scripts* em áudio para servirem de estímulo aos sujeitos de pesquisa. Os áudios tinham a duração de dois minutos, e retratavam um homem e uma

mulher se envolvendo em uma relação sexual sem consentimento da mulher, e com a vocalização da palavra “não” antes do intercurso sexual. Eles se conheciam, e em todos os áudios os homens iniciavam a relação de maneira forçada. A cada sujeito de pesquisa foram reproduzidos cinco áudios, por meio de fones de ouvido, e feita a medição peniana por meio de pletismógrafo.

Os resultados apontaram que níveis mais baixos de desejabilidade social estão relacionados com excitação fisiológica aos estímulos sexualmente coercitivos, e que as fantasias sexuais relacionadas com envolvimento em atividade sexual de grupo, assim como as relacionadas com agressão, estão associados a níveis maiores de respostas fisiológicas aos estímulos coercitivos. Atitudes de apoio ao estupro não mostraram relação direta com a resposta fisiológica, embora se correlacionassem com a fantasia de ser magoado por um parceiro, o que por si só estava relacionado ao aumento da excitação sexual aos estímulos sexualmente coercitivos. Tais domínios de investigação poderiam ser importantes na compreensão de fatores associados ao potencial engajamento em comportamentos sexualmente coercitivos (Plaud & Bigwood, 1997).

Discussão⁶

A presente revisão apresentou os principais resultados de oito estudos realizados com homens heterossexuais na temática do imaginário erótico masculino. São poucas as produções sobre esse público em um campo tão importante, já que, apesar de o imaginário ser uma dimensão privada da vida sexual, ele aproxima o homem de ações — as quais, conforme diversos estudos no campo da criminologia apontaram, podem oferecer riscos à integridade de outras pessoas (Deu & Edelmann, 1997; Howitt, 2004; Ronis et al., 2019). E quando foi feito um recorte considerando os objetivos da amostra documental, constatou-se que os estudos se apoiam em um ponto: o funcionamento do pênis.

⁶ Para que os objetivos propostos por este estudo fossem alcançados, cabe destacar que os resultados foram analisados criticamente tendo como referencial autoras e autores do campo de estudo das masculinidades.

Apenas dois deles (Crépault & Couture, 1980; Frank, 2005) não se enquadraram nessa lógica.

Além disso, a diferença entre o número de homens e mulheres pesquisadoras é um dado que aponta não só para o domínio dos homens nesse campo de estudo, como para a preocupação dos homens para com outros homens estar centrada no pênis e em sua ereção — símbolos da identidade masculina (Rohden, 2009), que dizem respeito ao dispositivo da eficácia (Zanello, 2018): um verdadeiro homem é um “fodedor, comedor sexual ativo” (p. 252). Ou seja, ele tem como marca a virilidade sexual, representada pela potência do pênis. Ainda dentro da ideia da eficácia se encontra a questão do controle do corpo, o qual, no tocante à ereção, é possível de ser obtida de forma voluntária, conforme Smith e Over (1987a, 1987b, 1987c, 1990) provaram — contestando os achados de Masters e Johnson (1970).

Os cinco artigos publicados na área da psicologia convergem para essa questão: são de metodologia quantitativa, a qual privilegia a linguagem do desempenho, da métrica. Esse ponto deixa evidente: a) o foco em aspectos fisiológicos do sexo (ainda que ancorados em questões culturais, pois se referem a um imaginário que é atravessado por elas), seguindo uma psicobiologia do sexo inaugurada por Kinsey (Rohden, 2009); b) a redução do que é da masculinidade heterossexual a números, e não aos sentidos e significados que se articulam com a estruturação do imaginário — o que, historicamente, reforça a ideia presente na casa dos homens (Weltzer-Lang, 2001), de que a eles não é permitido expressar os sentimentos, pois isso significa performar como não homem.

O fazer científico, portanto, moldado pela cultura, atua reforçando-a, como em um “*looping effect*” (Hacking, 1995), pois molda os estereótipos de gênero ao interpelar os homens com procedimentos que os mantêm localizados a uma dinâmica específica de expressão e atuação — qual seja, a da potência e do controle, enquanto postura ativa de se colocar no mundo. Foi apenas a pesquisa de Frank (2005), no campo da sociologia, que se preocupou com o que os homens pensavam e sentiam com as escolhas relativas às suas vivências sexuais. Ainda assim, essas escolhas faziam parte de um campo restrito da sexualidade,

considerando que o acesso, a proximidade e a intensidade das experiências nos clubes de *strip* estavam condicionados ao poder aquisitivo dos homens, e desde que o emaranhamento entre fantasia e realidade não se perdesse.

Isso porque, quando as dançarinas reclamavam de seus problemas financeiros, dos filhos ou do trabalho, se envolviam sexualmente, ou deixavam claro que não seria possível o envolvimento real, eram rejeitadas pelos frequentadores. Esse tipo de ambiente, portanto, favorecia homens que se pautavam por um modelo hegemônico de masculinidade. Tal modelo é tão fantasioso como as atmosferas criadas pelos clubes que frequentavam, posto que representam ideais, desejos e fantasias muito difundidos entre os homens — como o poder e a dominação sobre as mulheres e os outros homens, o sucesso financeiro e nas conquistas amorosas (dentre outros) —, mas que não são alcançados (Connell & Messerschmidt, 2013).

Incluído na mesma categoria que a pesquisa de Frank (2005), o estudo de Crépault e Couture (1980), apesar de ter utilizado como amostra homens que faziam parte da população geral de Quebec, apenas levantou dados sociodemográficos e das fantasias, e os correlacionou com um questionário formulado por eles previamente. Sendo assim, cabe destacar que não existem artigos no campo das masculinidades heterossexuais que se proponham a investigar questões subjetivas do imaginário erótico em amostras não específicas, como motivações, história de vida e contexto sociocultural. Ainda assim, Crépault e Couture (1980) encontraram dados que refletem valores de gênero de parte da população que correspondem a estereótipos: os homens fantasiavam com temas relacionados à confirmação do poder sexual, agressividade e fantasias masoquistas — poder e força (virilidade) e dominação das mulheres.

Os cinco estudos da categoria “b) Imaginário erótico e excitação sexual” tiveram resultados similares ao de Crépault e Couture (1980), no que se refere ao tema geral das fantasias. Os sujeitos de pesquisa elegeram as fantasias relacionadas às genitálias (principalmente com sexo oral na vagina e no pênis) como as mais excitantes, temas que estão relacionados à “afirmação da dominação sexual do

homem” (Crépault & Couture, 1980, p. 575, tradução livre), com um componente centrado em torno da erogeneidade da boca — órgão feminino entendido como lugar e fonte do prazer.

Nutter e Condrón (1985) utilizaram duas categorias que, conforme a 3ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (American Psychiatric Association [APA], 1980), estão classificadas dentro das chamadas “disfunções sexuais”: mudanças na psicofisiologia ou inibição do apetite que caracterizariam o ciclo completo da resposta sexual. O manual define “apetite” como “fantasias sobre atividade sexual e desejo de atividade sexual” (p. 276, tradução livre); dessa forma, o imaginário possui uma importante função dentro desse sistema de classificação. Nutter e Condrón (1985) avaliaram os sujeitos dentro do ciclo prescrito pelo DSM 3, e fizeram poucas considerações sobre questões culturais — que, conforme esse manual, predis põem o sujeito a uma disfunção sexual.

Smith e Over (1987a) afirmaram que os temas menos excitantes foram os relacionados à agressão sexual, e nos outros estudos desses autores (Smith & Over, 1987b, 1990), temas medianos para a excitação foram “despir a parceira” e “beijar os seios/mamilos”. Os temas de baixa excitação foram “segurar a mão da parceira”, “acariciar os cabelos da parceira”, “beijar a parceira na boca”, e “trocar olhares com a parceira”. Ou seja, temas relacionados com sensibilidade, e não com a virilidade, não foram tão excitantes e nem buscados pelos sujeitos de pesquisa. Esse dado nos leva a pensar na virilidade enquanto pilar da masculinidade e no homem enquanto um consumidor de mulheres — elementos relativos ao dispositivo da eficácia (Zanello, 2018).

O medidor peniano de tensão, utilizado em cinco estudos, foi um instrumento empregado por Kurt Freund em 1957 na Tchecoslováquia para detectar a orientação sexual de homens que alegavam ser homossexuais para serem dispensados do serviço militar obrigatório (Paulino, 2003). O aparelho foi utilizado, portanto, para detectar o “verdadeiro” homem, a fim de que não fugisse de sua destinação — defender sua pátria. Em uma perspectiva foucaultiana, esse tipo de tecnologia

se constitui como uma estratégia de biopoder⁷, já que há o emprego da ciência por meio do Estado para identificar a verdade sobre o sexo e controlar os indivíduos — movimento que teve início nos séculos XVIII e XIX, quando a identidade do indivíduo passou a ser associada à sua sexualidade (Foucault, 1988). Como produto da ciência sexual do século XX, tal instrumento teve grande aplicação também no campo da criminologia, na identificação de criminosos sexuais (Paulino, 2003).

E no caso dos cinco estudos da amostra documental que se propuseram a medir a excitação sexual por meio do pletismógrafo, a despeito das finalidades para as quais tenha sido utilizado, não se pode desconsiderar o contexto histórico de sua aplicação: a da elucidação de uma verdade sobre o sujeito, verdade que, conforme diversos estudos apontaram, é muito frágil, considerando que comprovaram ser possível inibir a resposta erétil a um estímulo em laboratório (Paulino, 2003).

A utilização desse instrumento representa um problema também se pensarmos que homens que cometem crimes sexuais possuem representações no imaginário diferentes de homens que nunca cometeram crimes, quando existem estudos apontando que essa assertiva é incorreta. Um deles é o de Ronis et al. (2019), que comparou 159 homens presos por terem cometido crimes sexuais com 219 homens não criminosos. Esses autores identificaram que 37% dos presidiários e 22% dos homens do grupo controle eram sexualmente coercitivos — por terem forçado intercurso (oral, vaginal e/ou anal) sem consentimento.

Além disso, os autores concluíram que o elevado desejo sexual, em articulação com o imaginário, é o fator central para comportamentos sexualmente coercitivos, e que o foco apenas em registros oficiais de ações criminosas ou agressão sexual seria um impedimento para que predições precisas sobre risco sejam feitas. Ou seja, o

⁷ Definido por Foucault (2008, p. 3) como “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder”. Ou seja, são mecanismos regulatórios lançados por medidas políticas, conjuntos de saberes e leis, sobre populações e seus processos vitais.

“funcionamento” do imaginário de criminosos e não criminosos tinha semelhança. Portanto, a utilização de um instrumento como o pletismógrafo peniano é um procedimento contestável, e há que se investir em outras estratégias que favoreçam o trabalho com a dimensão do imaginário masculino e tragam à tona suas dinâmicas.

Nesse sentido, Plaud e Bigwood (1997), apesar de terem utilizado o pletismógrafo, abriram a possibilidade de se pensar em um fenômeno que atinge as sociedades como um todo, a cultura do estupro, que pode ser definida como: compartilhamento de práticas, crenças e valores dos papéis de gênero e interações sexuais que contribuem para a estruturação de relações assimétricas marcadas pela conquista e submissão do objeto de desejo, conforme os interesses do agente que produz a ação (Engel, 2017; Herman, 1984).

Ou seja, os homens têm desejos sexuais e a “necessidade” de atendê-los, e para isso vão utilizar as mulheres — tanto por meio da conquista, como pela subjugação (Engel, 2017). Dessa forma, o “não” da mulher, significante central na pesquisa de Plaud e Bigwood (1997), não serviria como limite, assim como outras pesquisas revelaram (Baić et al., 2019; Howitt, 2004; Looman, 1995; Ronis et al., 2019). Nesse estudo, assim como em todos os outros avaliados na presente revisão, a virilidade e o controle se mostram, portanto, como fatores que caracterizam o ser do homem heterossexual.

Considerações Finais

O corpus analisado neste artigo evidencia a grande variedade de instrumentos destinados à pesquisa do imaginário erótico masculino, e o pouco interesse da ciência nesse campo — ancorado em elementos como funcionamento e potência do pênis, desempenho, medida, vontade, não expressão dos sentimentos e dominação sexual. Ou seja, a cultura teve uma contribuição fundamental na constituição do imaginário erótico dos homens pesquisados, se formos levar também em consideração os aspectos presentes em suas fantasias, que correspondem a noções como “casa dos homens” (Weltzer-Lang, 2001), e “dispositivo da eficácia” (Zanello, 2018). Isso

porque, em todos os artigos analisados, a afirmação da dominação sexual masculina (Crépault & Couture, 1980) foi o tema mais frequente.

A cultura mostrou-se presente também nos instrumentos utilizados pelas pesquisas realizadas na década de 1980: questionários, inventários e escalas, formulados por pesquisadores e pesquisadoras “herdeiros” da sexologia fisiológica que ganhou força em meados do século XX (Rohden, 2009). Ela também interferiu na estruturação dos métodos de pesquisa, os quais são referentes a uma ciência descritiva e fisiológica que não procurou explorar aspectos motivacionais, históricos e culturais (entre outros) — os quais se articulam intrinsecamente com o imaginário erótico masculino.

Associada a essa questão, há que se pontuar a do “*looping effect*”, produzida por Smith e Over (1987a, 1987b, 1987c, 1990), considerando que eles utilizaram marcadores biológicos para recrutar, classificar e testar, e também marcadores culturais para treinar os sujeitos de pesquisa (para terem representações mais nítidas, com fantasias que culturalmente são mais excitantes). Essas questões fazem a ciência psicológica contribuir para a produção de marcadores/parâmetros que dizem respeito ao ser homem heterossexual.

Tal fazer é problemático não só por representar de forma passiva o ser humano, como por influenciar o modo como ele pensa e sente, e interferir na constituição de sua própria subjetividade (Brinkmann, 2005). A amostra documental, em 87% dos estudos, deixou esse problema evidente. Dessa forma, a própria pesquisa acaba se constituindo como uma tecnologia de gênero (Lauretis, 1984), pois tem como efeito a produção não só de práticas e discursos, como de homens que se identificam com um modelo de hegemonia.

Apesar dessa problemática, cabe destacar que os estudos avaliados promovem aberturas no campo das masculinidades, e dão sustentação para que lacunas e limitações sejam exploradas em futuras pesquisas — dimensões como religião, raça, condições econômicas e laborais, questões familiares e culturais, emoções e sentimentos. Por meio da amostra analisada, é possível compreender a importância do imaginário erótico na constituição do homem heterossexual, e que, através de um fazer psicológico que privilegie valores de gênero,

talvez seja possível desvelar processos históricos, institucionais e relacionais que tanto contribuem para a invisibilização de possibilidades de transformação de cenários sociais de violência e opressão — como é o da dominação masculina.

Referências

- Abel, G. G., & Blanchard, E. E. (1974). The role of fantasy in the treatment of sexual deviation. *Archives of General Psychiatry*, 30, 467-475. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1974.01760100035007>
- American Psychiatric Association. (1980). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (3rd ed., rev.).
- Baić, V., Lajić, O., & Ivanović, Z. (2019). Sexual fantasies of the rapists. *Trames*, 23(4), 439-454. <https://doi.org/10.3176/tr.2019.4.04>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bataille, G. (2017). *O erotismo*. Autêntica.
- Bentler, P. M. (1968). Heterosexual behavior assessment-I. Males. *Behav. Res. Ther.*, 6, 21-25. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(68\)90037-5](https://doi.org/10.1016/0005-7967(68)90037-5)
- Bourdieu, P. (2019). *A dominação masculina*. Bertrand Brasil.
- Brinkmann, S. (2005). Human kinds and looping effects in psychology. *Theory & Psychology*, 15(6), 769-791. <https://doi.org/10.1177/0959354305059332>
- Burris, C. T., & Mathes, S. (2011). Digging in my secret garden: disinhibitory effects of the “hidden observer” on reported sexual fantasies. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 20, 143-150. <https://psycnet.apa.org/record/2012-08894-002>
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities* (2nd ed.). University of California Press.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Corbin, A., Courtine, J. J., & Vigarello, G. (2013). *História da virilidade: Volume 1: A invenção da virilidade. Da antiguidade às luzes*. Vozes.
- Crépault, C., & Couture, M. (1980). Men's erotic fantasies. *Archives of Sexual Behavior*, 9(6), 565-581. <https://doi.org/10.1007/BF01542159>
- Crowne, D. P., & Marlow, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 24, 349-354. <https://doi.org/10.1037/h0047358>
- Cunha, A. G. (2012). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lexicon.
- Deu, N., & Edelmann, R. (1997). The role of criminal fantasy in predatory and opportunist sex offending. *Journal of Interpersonal Violence*, 12(1), 18-29. <https://doi.org/10.1177/088626097012001002>
- Ellis, B., & Symons, D. (1990). Sex differences in sexual fantasy: An evolutionary psychological approach. *Journal of Sex Research*, 27, 527-555. <https://doi.org/10.1080/00224499009551579>
- Engel, C. L. (2017). *As atualizações e a persistência da cultura do estupro no Brasil*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-991851>
- Forth, C. (2013). Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: A. Corbin, J. J. Courtine, & G. Vigarello, *História da virilidade: Volume 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI* (pp. 154-186). Vozes.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Graal.
- Foucault, M. (2008). *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Martins Fontes.
- Frank, K. (2005). Exploring the motivations and fantasies of strip club customers in relation to legal regulations. *Archives of Sexual Behavior*, 34(5), 487-504. <https://doi.org/10.1007/s10508-005-6275-8>
- Friday, N. (1980). *Men in love*. Dell Publishers.
- Gagnon, J. H., & Simon, W. (1973). *Sexual conduct*. Aldine.

- Gagnon, J. H. (2006). *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Garamond.
- Hacking, I. (1995). The looping effects of human kinds. In D. Sperber, & A. J. Premack (Eds.), *Causal cognition: a multidisciplinary debate* (pp. 351-394). Oxford Scholarship. Recuperado de: <https://www.oxfordscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780198524021.001.0001/acprof-9780198524021-chapter-12>
- Hartmann, U. (1994). Imagination and desire: reflections on the determination of male sexuality. *Psychother Psychosom Med Psychol*, 44(12), 403-410. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7846267>
- Herman, D. F. (1984). The rape culture. In: FREEMAN, J. *Women: a feminist perspective* (3rd ed.). Mayfield.
- Howitt, D. (2004). What is the role of fantasy in sex offending? *Criminal Behaviour and Mental Health*, 14(3), 182-188. <https://doi.org/10.1002/cbm.585>
- Jones, J. C., & Barlow, D. H. (1990). Self-reported frequency of sexual urges, fantasies, and masturbatory fantasies in heterosexual males and females. *Archives of Sexual Behavior*, 19, 269-279. <https://doi.org/10.1007/BF01541552>
- Kimmel, M. S., Hearn, J., & Connell, R. W. (2005). *Handbook of studies on men and masculinities*. Sage Publications.
- Lauretis, T. (1994). A tecnologia do gênero. In H. Hollanda (Ed.), *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura* (pp. 206-241). Rocco.
- Leitenberg, H., & Henning, K. (1995). Sexual fantasy. *Psychological Bulletin*, 117(3), 469-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.469>
- Lewis, C. T., & Short, C. (1891). *A new latin dictionary*. Harper & Brothers. <https://archive.org/details/harperlatindict00lewi>
- Looman, J. (1995). Sexual fantasies of child molesters. *Canadian Journal of Behavioural Science/ Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, 27(3), 321-332. <https://doi.org/10.1037/0008-400x.27.3.321>
- Lottes, I. L. (1988). Rape Supportive Attitude Scale. In C. M. Davis, W. L. Yarber, & S. L. Davis (Eds.). *Sexuality-related measures* (pp. 235-237). Graphic Publishing Company.
- Masters, W. H., & Johnson, V. E. (1970). *Human Sexual Response*. Churchill.
- Nutter, D. E., & Condron, M. K. (1985). Sexual fantasy and activity patterns of males with inhibited sexual desire and males with erectile dysfunction versus normal controls. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 11(2), 91-98. <https://doi.org/10.1080/00926238508406074>
- Paulino, I. H. P. C. (2003). *Pletismografia peniana ou falometria: valor científico-jurídico e sua aplicabilidade em Portugal* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto].
- Perla, J., Sierra, J., Vallejo-medina, P., & Quintanilla, J. G. (2009). Un estudio psicométrico de la versión española reducida del "Hurlbert index of sexual fantasy". *Boletín de psicología*, 96, 7-16. Recuperado de <https://www.uv.es/seoane/boletin/previos/N96-1.pdf>
- Plaud, J. J., & Bigwood, S. J. (1997). The relationship of male self-report of rape supportive attitudes, sexual fantasy, social desirability and physiological arousal to sexually coercive stimuli. *Journal of Clinical Psychology*, 53(8), 935-942. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4679\(199712\)53:8<935::AID-JCLP19>3.0.CO;2L](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4679(199712)53:8<935::AID-JCLP19>3.0.CO;2L)
- Richardson, A. (1969). *Mental imagery*. Springer.
- Rohden, F. (2009). Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais. *Estudos Feministas*, 17(1), 89-109. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100006>
- Ronis, S. T., Knight, R. A., & Molen, L. V. (2019). The covariation of sexual fantasies and behaviors among self-identified sexually aggressive criminal and noncriminal samples. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 66(5), 517-537. <https://doi.org/10.1177/0306624X19895905>
- Singer, J. L., & Antrobus, J. S. (1972). Daydreaming, imaginal processes, and personality: a normative study. In P. W. Sheehan (Ed.). *The function and nature of imagery* (pp. 175-202). Academic Press.

- Smith, D., & Over, R. (1987a). Male sexual arousal as a function of the content and the vividness of erotic fantasy. *Psychophysiology*, 24, 334-339. <https://doi.org/10.1111/j.1469-8986.1987.tb00304.x>
- Smith, D., & Over, R. (1987b). Correlates of fantasy-induced and film-induced male sexual arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 16, 395-409. <https://doi.org/10.1007/BF01541422>
- Smith, D., & Over, R. (1987c). Does fantasy-induced sexual arousal habituate? *Behav. Res. Ther.*, 25(6), 477-485. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(87\)90055-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(87)90055-6)
- Smith, D., & Over, R. (1990). Enhancement of fantasy-induced sexual arousal in men through training in sexual imagery. *Archives of Sexual Behavior*, 19(5), 477-489. <https://doi.org/10.1007/bf02442349>
- Spielberger, C. D., Gorsuch, R. L., & Lushene, R. E. (1970). *State-Trait Anxiety Inventory Manual*. Consulting Psychologists Press.
- Vygotsky, L. S. (2003). Imagination and creativity in childhood. *Journal of Russian and East European Psychology*, 42(1), 7-97. <https://doi.org/10.1080/10610405.2004.11059210>
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*, 9(2), 460-482. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- Wilson, G. D. (1988). Measurement of sex fantasy. *Sexual and Marital Therapy*, 3, 45-55. <https://doi.org/10.1080/02674658808407692>
- Wunenburger, J. J. (2007). *O imaginário*. Loyola.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Appris.
- Zanello, V. (2020). Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In L. Ferreira (Ed.), *Gênero em perspectiva* (pp. 79-102). CRV.